

Luís Fróis em Macau

ANTÓNIO RODRIGUES BAPTISTA*

Para o tema que me proponho aqui tratar tenho a dizer, antes de mais, que o material disponível não é abundante, mas é significativo. Aproveitarei duas cartas inéditas, escritas em Macau, uma pelo padre italiano, João Baptista do Monte, e outra pelo padre português, Luís Fróis. Utilizarei também neste trabalho as três cartas (pessoais) escritas em Macau por este último, já publicadas, em parte, na edição da *Historia de Japam* organizada por José Wicki, em 1976.¹ E para a vocação missionária de Luís Fróis para o País do Sol Nascente e para as partes da China irei socorrer-me de alguns passos das primeiras cartas escritas em Malaca e em Goa pelo jesuíta português.

Falar do padre Luís Fróis em Macau é falar de dois momentos capitais da sua vida: o primeiro, diz respeito aos seus propósitos missionários; o segundo, refere-se ao balanço da sua obra.

Penso que ninguém reparou ainda, a sério, nos quatro anos passados por este missionário em Macau, em duas épocas distintas, ou seja, entre Agosto de 1562 e Junho de 1563, e, mais tarde, entre Outubro de 1592 e Junho de 1595. Foram quatro anos de trabalho e reflexão para o generoso inaciano, que devem merecer a nossa atenção. Confessemos que nem o historiador António Franco, na sua *Imagem da Virtude de Lisboa...*, ao consagrar 54 páginas à vida e à obra de Luís Fróis, fez a mínima alusão aos anos que este passou em Macau.² Vamos, portanto, nós hoje fazê-lo, de uma vez para sempre.

ANTECEDENTES

Não é despiciendo notarmos, em primeiro lugar, alguns antecedentes que prepararam o espírito e a viagem do jesuíta português para a China e para o Japão.

Na verdade, com a morte de Francisco Xavier na ilha de Sanchoão, em Dezembro de 1552, o caminho para a China estava traçado. A partir deste momento, a atracção para o Celeste Império era uma obsessão para os padres da Companhia de Jesus. Assim, três anos mais tarde, coube ao Pe. Belchior Nunes Barreto vir a ser o primeiro jesuíta a penetrar no Império do Meio, com várias idas a Cantão, sobretudo para resgate dos cativos portugueses. É o irmão Luís Fróis, em carta de Malaca, de 1 de Dezembro de 1555, escrita para os confrades de Goa, que nos dá conta desta viagem:

“O Pe. Mestre Melchior esteve aqui o anno passado mui abalado – quando soube que os Portugueses tinham entrada em Cantão e que se começavam a contratar paces e faz[er] direitos os portugueses com os chineses.”³

Quinze dias mais tarde, Luís Fróis em nova carta de Malaca, fala da partida para a China do Pe. Belchior Nunes e lamenta não ter ele próprio participado nesse projecto para o qual inicialmente estava indicado. Assim se expressa:

“Antes que ho Padre daqui se partisse tinha determinado mandar-me à China e lancarem-me os portugueses na terra, para que na cidade de Cantão me pusesse com algum dos senhores da terra, e a haí amdase dous ou tres anos aprendendo a lingua, até que da India viessem Padres, pera que, quando laa fosse[m], achase[m] quem lhe soubese interpretar a lingua.”⁴

* Doutor em Filologia Hispânica (literatura), antigo Professor na Universidade de Macau. Investigador da Acção Missionária no Extremo Oriente.

Ph.D. in Hispanic Studies (Literature), former lecturer at the University of Macao, researcher of the Catholic Missions in the Far East.

HISTORIOGRAFIA

De facto, tal não aconteceu. É ainda o irmão Fróis que no-lo revela em carta enviada de Malaca, a 1 de Dezembro de 1555, para os irmãos de Goa dizendo-lhes que tivera de permanecer no Colégio da Companhia, em Malaca, “pera varrer estas casas e oulhar por ellas”. Mas, não terá sido somente para “oulhar” pelas “casas”, pois, segundo consta, terá sido, até, para fazer a ligação postal entre as várias casas da Companhia de Jesus no Oriente.⁵

A este propósito, recordemos que Luís Fróis veio a ser substituído na China pelo irmão Estêvão de Góis que, passado um ano, renunciou ao cargo, por motivos de saúde. Por isso, na sequência do fracasso da embaixada de Belchior Nunes e Fernão Mendes ao Japão, também os dois jesuítas (Góis e Fróis) regressaram com eles à Índia, em 1557.⁶

A REALIDADE JAPONESA

Chegando a Goa pela Páscoa de 57, o jesuíta português continuou os estudos teológicos e recebeu a ordenação em 1561.

Notemos, por outro lado, que, anos antes de partir para o Japão, Fróis dera-se conta da realidade japonesa. Isto convém acentuá-lo, até para observarmos a qualidade da vocação do nosso missionário. Assim, em carta de Goa para Portugal dirigida ao irmão João Fernandes escreve Luís Fróis a 4 de Janeiro de 1559: “Nas [cartas] de Japão vereis fomes, frios, falsos tistimunos.”⁷

E em outra carta, de 12 de Novembro de 1559, informa o mesmo jesuíta, de Goa para os seus confrades da Europa, acerca do Japão: “a distância do caminho hé grande, e os perigos da navegação muitos.”⁸

Sobre estes perigos em terras japonesas, Luís Fróis ainda comunica de Goa para os jesuítas de Portugal, a 1 de Dezembro de 1560: “Em Japão o padre Baltasar Gago teve por algumas vezes o cutelo mui propinquo ao pescoso.”⁹

Acerca das carências existentes no Japão, advertira, por seu turno, o Pe. Nunes Barreto, em 17 de Dezembro de 1560, para o confrade Pedro Anes, em Lisboa: “Japão [...] hé terra muito apartada de consolações humanas.”¹⁰

PRIMEIRA ESTADIA EM MACAU

Foi, por conseguinte, perante este quadro negro que o nosso missionário partiu de Goa para o Japão,

em Abril de 1562, na companhia do confrade italiano, Baptista do Monte. Ambos chegaram felizmente a Macau no navio de Diogo Pereira, em 24 de Agosto, tendo sido “visitados de hu fortíssimo tempo”, “perto destas terras da China”, ou seja, na ilha de Sanchoão, aonde estiveram “oito ou dez dias”, sacudidos por “mares e ventos mui rijos”.¹¹

Uma vez em Macau, os dois padres (Monte e Fróis) tiveram de esperar pela monção do ano seguinte, para seguirem para o País do Sol Nascente, o que veio a acontecer em Junho de 1563, por alturas do S. João.

TESTEMUNHO DO PADRE MONTE

Indaguemos, agora, o que terá feito Luís Fróis, em Macau, durante os dez meses passados nesta parte da China?

Não é ele propriamente quem nos informa. Quem dele nos fala directamente é o seu companheiro Baptista do Monte, pois é deste missionário que nos chegaram três cartas, duas em português e a terceira em italiano.

A primeira carta, escrita 20 dias após a chegada dos dois missionários a Macau, traz duas datas: 14 de Setembro e 22 de Dezembro de 1562. Dirigida aos jesuítas do Colégio de Santo Antão de Lisboa, o original ter-se-á perdido, mas dele possuímos uma cópia, ainda inédita, no segundo volume das Cartas do Japão do Colégio de Évora, conservado na Academia das Ciências de Lisboa.¹² A segunda carta de Macau contém a data de 26 de Dezembro de 1562 e foi enviada ao prepósito da Casa de São Roque, Miguel Torres, e aos jesuítas de Portugal. Quanto à terceira carta escrita também no porto de Macau, traz a data de 29 de Dezembro do mesmo ano, e foi enviada para Roma ao secretário da Companhia de Jesus, João de Polanco.¹³

Estas três cartas, ainda pouco exploradas, estão assinadas pelo Pe. Baptista do Monte e têm para nós uma importância especial para verificarmos alguns aspectos importantes sobre a primeira estadia do Pe. Fróis na Cidade do Nome de Deus. Primeiramente, a chegada ao porto da China dos dois missionários no navio de Diogo Pereira; depois, o trabalho desenvolvido pelos dois jesuítas, principalmente Luís Fróis, junto das várias centenas de portugueses residentes em Macau; em seguida, para notarmos a fixação e o modo de vida dos comerciantes portugueses; finalmente, para podermos

HISTORIOGRAPHY

aquilatar dos costumes e das inclinações naturais dos chineses para as artes e ofícios. Este ponto é salientado sobretudo na carta dirigida a João de Polanco.

No que toca ao trabalho realizado pelo missionário português, durante estes dez meses em Macau, podemos observá-lo principalmente na primeira carta escrita vinte dias após a sua chegada ao porto de A-Má. Embora se trate de uma missiva bastante curta, esta carta escrita pelo Pe. Monte é, para nós, a mais importante, não só por ser a primeira e servir de base às duas cartas seguintes, mas sobretudo por nela ser referido, em três momentos, o nome e a acção apostólica do Pe. Luís Fróis. Monte relata-nos, antes de mais, as primeiras impressões dos dois missionários e os perigos ocorridos, em maré de tufões, começando por dizer:

“de Malaca nos partimos aos 14 de Julho para esta terra da china [com] suffice(n)te boa viagem(m), ainda que no cabo algum enfadame(n)to misturado cõ perigo tivemos. Todavia o Sñor se dinou nos trazer a salvame(n)to aos 24 de agosto dia de S. Bartolomeo.”¹⁴

Agradecendo, de algum modo, a quem os trouxera e abrigara em Macau durante “8 dias”, ou seja, a Guilherme Pereira, “homem muito amigo da Comp^a.”, o Pe. Monte acrescenta que Guilherme era irmão de Diogo Pereira, o qual vinha “por capitão mor a este porto e com cartas do Vizo Rey para el rei da china”.¹⁵

A carta refere, por outro lado, que os dois jesuítas procuraram depois uma casa para estarem mais a seu modo, esclarecendo:

“depois nos pareço ao Pe. Luis froes e a mi, que melhor e mais convenientemente estaríamos em hu(m)a casa para poder confessar e estudar.”¹⁶

Esta casa foi então encontrada junto de outro “mui grande amigo da Comp^a. e não somente amigo, mas realmente como proprio Irmão della por ter hu(m)a muy boa casa conveniente para religiosos”. Aqui prepararam os dois jesuítas “dous cubículos [...] e também uma varanda”, onde ergueram “hu(m) altar” e onde todos os dias celebravam missa para “muita gente” que ali vinha “por ser lugar muy comodo”.¹⁷

Por esta carta ficamos a saber como e quem principiou em Macau, de facto, a fundação da primeira residência da Companhia de Jesus: foi, portanto, o Pe. Luís Fróis com o seu confrade Baptista do Monte. Tal casa ficava nas dependências do mercador espanhol,

Pedro Quinteiro, junto da actual igreja de Santo António. Além disso, essa casa viria a ser o embrião do futuro Colégio de São Paulo e a pedra angular da Igreja da Madre de Deus, assente 40 anos mais tarde, para nascente, no meio da colina do Monte, conforme ainda hoje se pode verificar.¹⁸

Acerca do trabalho levado a cabo pelos dois inicianos reza o manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa:

“Quanto as nossas occupações louvado seia Ds. nunca estamos ociosos mas âtes continuame(n)te ocupados e principalme(n)te em cõfissões, assi na Igreja como em nossa Casa.”¹⁹

E o texto sublinha a principal actividade do jesuíta português deste modo: “o padre Luis froes prega todos os dias sanctos e domingos na Igreja com muy boa satisfação de todos os auditores”, concluindo: “despois que ca prega emme(n)danse muito os home(n)s de seus peccados e vicios em que estavam metidos”.²⁰

A carta do Pe. Monte, que temos vindo a citar, prossegue no mesmo tom, dando-nos assim o primeiro testemunho do labor missionário dos jesuítas em Macau, continuando da seguinte maneira:

“todas as oras temos homes em nossa casa que nos vem pedir conselho acerca de suas consciencias por ser esta terra de muy grosso trato, por se fazerem muitos tratos de Chatinaria.”²¹

Aqui, o missionário roga ao Senhor que lhes dê “o saber e espirito necessario” para bem resolverem os casos que por eles passam.

Quanto às gentes da terra, ou seja, os chineses, escreve o Pe. Monte: “não os achamos muy despostos para se fazere(m) christãos”. Em contrapartida, aponta a necessidade que há no Japão de missionários, pois pelas notícias providas de “Hu(m) home(m) honrado mercador”, vinham em “certa parte” as mulheres japonesas “com os filhos nos braços arogarlhe que os quisesse por amor de ds. fazer christãos”.²²

Pelo testemunho deste “honrado mercador”, poderemos, portanto, aquilatar das labaredas de entusiasmo ateadas na alma não só destes abnegados missionários em viagem para o Japão, mas ainda nos colegiais de Santo Antão de Lisboa ou nos vários colégios europeus aonde chegavam tais ecos e eram lidas as cartas.

Enfim, termina esta primeira carta do Pe. Monte referindo-se mais uma vez ao jesuíta português: “O Pe. Luis Frois Esta mui bem desposto e se encomenda

HISTORIOGRAFIA

m.to nas vossas orações e sacrificios. La screvera mas largamente que eu”. No final, subscreve: “deste Porto de Machao partes da China 22 de deze(m)bro de 1562 de todos indino João Baptista Italiano da Comp^a. de Iesu”.²³

NARRATIVA DO PADRE GONÇALVES

Até aqui estivemos acompanhando o relato da primeira carta de Macau, de João Baptista do Monte, acerca da chegada e sobre os primeiros trabalhos de Luís Fróis, durante as primeiras semanas da sua estadia na Cidade do Nome de Deus.

Existe, porém, um segundo texto, datado dos inícios do século XVII que nos descreve, em várias páginas, especialmente o trabalho apostólico do Pe. Fróis durante a Quaresma e Semana Santa de 1563, completando assim a informação da carta supracitada. Trata-se de uma passagem significativa inserta na *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus* do Pe. Sebastião Gonçalves (Ponte de Lima, 1555-Goa, 1619). Este jesuíta viveu na Índia na segunda metade do século XVI, e a sua *História*, até há pouco inédita, ficou concluída a partir de 1614.²⁴ Um século mais tarde (1710), o relato do Pe. Gonçalves seria aproveitado por Francisco de Sousa na obra *Oriente Conquistado a Jesus Cristo*.

Pois bem: Sebastião Gonçalves, ao falar nos primeiros anos da Cidade do Nome de Deus, escreve que, no ano da passagem do Pe. Fróis para o Japão, havia em Macau novecentos portugueses e que, além disso, havia muitos que “frequentavão cada oito e quinze dias os sacramentos”.²⁵

Refere, por outro lado, que os missionários que haviam chegado neste ano de 1562, “visitavão os doentes ajudando-os a bem morrer e buscando esmolas para os pobres”. E concretiza Gonçalves: “Ensinavão ao domingo e dias santos a doutrina na igreja, a qual se enchia até ao alpendre”. Quanto às muitas centenas de escravos que havia então em Macau, afirma o Pe. Gonçalves que muitos deles “por via das confissões e pregações” deixavam “as ocasiões de pecado”. Por outra parte, acentua que na Quaresma de 1563, “ouve bem que fazer”, com “pregações aos domingos e quartas-feiras”.²⁶

Relativamente à actividade específica do Pe. Luís Fróis, nesta Quaresma de 63, informa Sebastião Gonçalves, por exemplo, que “A semana Santa foi

celebrada com muita devoção” e que o Pe. Fróis pregou no domingo de Ramos “obra de duas horas, metendo alguns passos da paixão do Senhor que grandemente moverão o auditório”.²⁷

Após descrever os vários officios nos diferentes dias da Semana Santa de 1563, Gonçalves afirma ainda que “A igreja estava muito bem armada com muitos panos ricos da China e da Flandres” e que os ornamentos da igreja eram “riquíssimos”. Também no domingo de Páscoa nos informa a obra que estamos a citar: “O Pe. Luis Froes levou o Santissimo Sacramento, por assy lhe pedir o Padre Provisor”. Pensamos que se trata aqui, não do “Padre Provisor”, mas do padre vigário, como interpreta o jesuíta Francisco de Sousa.²⁸ Tal vigário, em 1562-63 era o Pe. Gregório Gonçalves, que em Macau acompanhou os portugueses durante os primeiros 12 anos.²⁹

Voltando à *História dos Religiosos*, podemos ler que “muita gente” que assistiu à festa e à procissão da Páscoa de 63, estava “ricamente vestida”. E à festa não faltaram também as “charamellas, frutas, violas d’arco, folias, danças”, em que “Hião diante vinte e quatro tochas e quinhentas vellas que sairão da igreja”, com as ruas “ricamente armadas”.³⁰

No que respeita à pregação do Pe. Fróis, igualmente podemos ler na obra do Pe. Gonçalves que os chinas e naturais da terra

“Acudião no dia da pregação à igreja e pondo-se às portas pasmavão de ver tanta gente ouvir o pregador com tanto silêncio. Quando entravão na igreja para ver o concerto della e as imagens punhão-se de joelhos, beijavão o chão e alevantavão as mãos para o ceo.”³¹

Pois bem, que poderemos concluir desta narrativa do Pe. Sebastião Gonçalves? Cremos sinceramente que a descrição das festas da Páscoa não é pura retórica. No texto, até podemos observar uma das facetas mais esquecidas do Pe. Luís Fróis – a arte da pregação – que completa, de alguma forma, a sua vocação inata de epistológrafo eminente. Com efeito, Luís Fróis é não somente o historiador do Japão; ele é, do mesmo modo, o missionário activo e disponível para as diferentes tarefas do apostolado. E até o facto de ter sido ele o escolhido, para levar o “Santíssimo Sacramento”, na procissão do Domingo de Páscoa, naquele ano de 63 – privilégio destinado, em regra, ao clérigo de maior categoria –, denota bem o grau de generosidade e dignidade do jesuíta português. Sendo assim, Macau

HISTORIOGRAPHY

ter-lhe-á servido de bom tirocínio para as árduas missões que se avizinham no Japão.

LUÍS FRÓIS NO JAPÃO

Desta feita, aos 6 de Julho de 1563, como Fróis nos relata na *Historia de Japam*, entrava noite fora, no porto de Yokoseura, o navio de D. Pedro da Guerra, levando em sua companhia os padres Fróis e Monte e o irmão Miguel Vaz, os quais seriam recebidos com grande consolação pelo superior, Cosme de Torres, ao qual se juntaram “Os christãos de Yocoxiura [...] obra de duzentos, com tanto alvoroço a recebê-los que parecia os querião levar pelos ares”.³²

De Yokoseura seguiu mais tarde o missionário português para a ilha de Tacuxima aonde, com o irmão João Fernández, aprendeu a língua japonesa e se adaptou à melhor forma de propagar a fé cristã entre os japoneses. Decorrido ano e meio, partiu Luís Fróis com o irmão Luís de Almeida, em direcção ao Meaco (Quioto), onde durante 12 anos se consagrou às diferentes tarefas missionárias, ora sozinho, ora com o vice-provincial, Gaspar Coelho, ora acompanhado do Pe. Organtino Soldo. Digamos, de passagem, que aquela viagem de Fróis com Luís de Almeida para a capital do Império, está registada por Luís Fróis nos capítulos 55, 56 e seguintes, da sua *Historia de Japam*, encontrando-se aí páginas de pungente dramatismo e invulgar recorte literário. Quanto a Luís de Almeida, esse, deixou-nos desta viagem para o Meaco uma narrativa de tal maneira minuciosa que chegou a merecer o reparo dos superiores romanos. Os interessados poderão lê-la na edição de Évora de 1598.³³

Digamos, outrossim, que a estadia do Pe. Fróis na antiga capital do Japão, foi repleta de “grandes privações e sacrifícios”, com muitos vexames, sobressaltos e expulsões, apenas mitigados pelas visitas feitas aos imperadores Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi pelos jesuítas Francisco Cabral e Alessandro Valignano. Igualmente com Gaspar Coelho, esteve Luís Fróis na mal-afortunada visita a Toyotomi Hideyoshi, na véspera da publicação do édito contra os cristãos, em Julho de 1587.³⁴

Mais tarde, nas Congregações da vice-província japonesa, realizadas em Fevereiro e em Julho de 1592, esteve o jesuíta português sempre activo como secretário.

Deixo esta breve resenha, à maneira de interlúdio, para vermos quanto Luís Fróis, apesar da precária

saúde, se mostrava sempre disponível, quer para acudir aos cristãos necessitados, quer para acompanhar os superiores maiores, quer ainda para elaborar as Cartas Ânuaas ou, mais tarde, escrever a *Historia de Japam*.

SEGUNDA ESTADIA EM MACAU

Viremos, contudo, esta página da vida do Pe. Fróis no Japão e regressemos novamente às partes da China. Estamos agora em Outubro de 1592. Luís Fróis voltava ao porto de Macau, como consultor e secretário do visitador, Alessandro Valignano.

Na segunda estadia do missionário luso-nipónico em Macau, vamos dar conta essencialmente da existência de quatro cartas particulares. Nestas, o jesuíta português fala-nos, em concreto, da sua vida e dos seus problemas, designadamente aqueles que se referem à publicação da *Historia de Japam*. De uma destas cartas só conhecemos, porém, alguns fragmentos publicados por António Franco. Mas as três restantes, conhecemo-las na íntegra.

Assim, na carta de Macau, de 18 de Janeiro de 1593, Fróis transmite para Roma ao prepósito geral a consolação que havia recebido pelas suas notícias. Tece elogios ao governo do visitador e informa que no Japão fazem falta os padres portugueses para assistirem ao governo daquela Cristandade. Por outro lado, Fróis menciona ainda algumas queixas dos padres e irmãos do Japão, afirmando que as encomendas providas da Europa, nos navios da Índia para os particulares, “raramente chegam” ao Japão, não deixando, por isso, os padres, “maxime italianos”, de falar constantemente no caso. Implora, para isso, a protecção do padre geral, e dá-lhe conta, ao mesmo tempo, da conclusão da *Historia de Japam* que o padre visitador trouxera para Macau, para limar e rever.³⁵

CARTA (CONCLUDENTE) DO PE. FRÓIS

Todavia, é na carta de 12 de Novembro de 1593 que Luís Fróis vai mais longe e é mais preciso no que concerne ao termo da sua *Historia de Japam*. Vamos fixar-nos aqui alguns momentos, pois verificamos que o Pe. Fróis, por uma vez, chega a perder a paciência.³⁶

Antes de mais, o missionário português salienta, nesta carta, a “necessidade” que ele tem de “consolação” e “ânimo” da parte dos superiores, sobretudo, diz ele, “para quien ya estaa en el cabo de la jornada”. Em seguida refere que, após trinta anos de ausência,

HISTORIOGRAFIA

regressara a Macau na companhia do visitador, para o ajudar na correspondência para a Índia e para a Europa. Recordemos que o Pe. Valignano trouxera do Japão para Macau mais de um milhar de cartas para escrever.³⁷ Escrever não; ditar. Quem escrevia era o Pe. Fróis. Por isso, Luís Fróis diante desta tarefa ciclópica, queixar-se-á em especial do clima, dos ares e da alimentação, mas diz ainda ter sentido em Macau um “tão grande abalo”, não havendo conhecido “um só dia de saúde”. Apesar disso, confessa que continuava a escrever “7 y 8 oras” por dia, aquilo que o visitador lhe ditava.³⁸

Esta passagem da carta do jesuíta português merece-nos um breve comentário. Com efeito, vislumbramos nela um “grito abafado” contra a prepotência do visitador. Notemos, por outro lado, que Luís Fróis afirma nesta carta duas vezes, em duas linhas seguidas, que tivera de escrever “7 y 8 oras” durante tres meses contínuos.³⁹ E tanto mais dura era aquela situação que, dez meses antes, num passo similar para o mesmo geral da Companhia, Fróis dizia quase a mesma coisa, acrescentando, até, que, por ser já idoso e “ruin scrivano”, lhe tremiam as mãos.⁴⁰

Voltemos, porém, à mesma carta de 12 de Novembro de 93. Fróis aborda nela, longamente, a questão da sua *Historia de Japam*, a fim de poder responder a um capítulo da carta do padre geral, em que este lhe recomendava para “atender e acabar” a História, a fim de poder ser útil aos futuros missionários.

O jesuíta português, respondendo a Acquaviva (como só ele sabia fazer), afirma, antes de mais, que fora o vice-provincial, Gaspar Coelho, quem o encarregara de semelhante tarefa. Acrescenta que, apesar da sua insuficiência, não desejara, contudo, “perder esta ocasião”, tanto mais que ele era o único missionário vivo que tinha conhecido, na Índia, Francisco Xavier, quando este embarcara para o Japão, em 1549. Por outro lado, tendo estado 29 anos no Japão, Fróis notava que não havia lá quem tivesse tão larga notícia, experiência e conhecimento das coisas nipónicas.⁴¹

De facto, cremos ver aqui, não tanto uma ponta de imodéstia, mas, fundamentalmente, uma censura velada às exigências do visitador, como iremos ver melhor.

O ADIAMENTO DA *HISTORIA DE JAPAM*

Efectivamente, Luís Fróis passa a relembrar que, apesar do grande esforço durante “cerca de seis anos”

em compor a sua *Historia* e em ordená-la em três partes (Fróis dirá “três volumes”), não obstante todo esse trabalho de compilação e redacção, também “não deixava de acudir ao ministério das coisas que ocorriam” nem às constantes “obrigações”.⁴²

E é seguidamente que o Pe. Fróis penetra na parte que julgamos mais polémica acerca da publicação da *Historia de Japam*, ou seja, o seu protelamento indefinido, afirmando tão-só que o visitador já a tinha em seu poder há bastante tempo e que a trouxera para Macau com o fim de a rever para ser reduzida a um só volume.⁴³

Sem embargo, dêmos a palavra ao missionário português, porque ele explica o caso melhor do que alguém. Escreve Luís Fróis:

*“Quando el año pasado nos partimos de Japón me dixo el Pe. Visitador que truxiesse la Istoria conmigo y que aquí en la China quando tuviesse alguna vacación se ocuparía en la rever y limarla para que se podiesse inbiar a V. P., e ia en Japón tenía el Padre visto algo della. Mas como aquí cargan sobre él tantas y tan frequentes ocupaciones, que apenas puede atender a otras cosas de mucho más momento e importancia, no se ha en todo este año entero ofrecido comodidad para esso.”*⁴⁴

E acrescenta:

*“Y algunas vezes, platicando sobre la misma Historia, me tiene dicho el Pe. Visitador que, aunque de la manera que hasta agora estaa scripta puede servir con mucha comodidad para los Padres e Hermanos que quedan en Japón se recrearen, viendo por extenso las particularidades de lo que los primeros Padres sus antecessores an padecido en hechar los primeros fundamentos de aquella christandad, que todavía para se inbiar a Roma y ser vista por todo el mundo, que era necessario abreviarla y resumirla en hun compendio más breve, de manera que todo lo essencial della se comprehendesse en hun volume poco maior que una annua de las que vienen impresas de Roma.”*⁴⁵

Portanto, não é difícil para nós hoje vermos neste passo da carta de Luís Fróis dois pontos de vista bastante diferentes entre aquilo que Fróis escrevia acerca da realidade e aquilo que o visitador queria que, da mesma realidade, se dissesse para o exterior, isto é, para a Europa. Trata-se, por conseguinte, de duas concepções distintas que correspondem a duas mentalidades que, de certo modo, se completam: o

HISTORIOGRAPHY

lógico e o vivencial, o racional e o místico. Com efeito, Alessandro Valignano era um jurista de formação, ou seja, um positivista do direito, fazendo planos, relatórios, organizando as missões e definindo os picos de seda que deveriam caber aos jesuítas nos navios de Macau para o Japão. Fróis era um missionário no terreno, em contacto permanente com os cristãos, ouvindo as suas súplicas, esclarecendo as suas dúvidas e enxugando as suas lágrimas. Notemos que são frequentes as páginas do Pe. Fróis em que aparecem os termos consolar, consolação, choro e lágrimas. Daí, o carácter acentuadamente sensorial, emocional, que repassa as centenas de páginas das cartas e, depois, a sua *Historia de Japam*.⁴⁶ As cartas do Pe. Valignano são “outra coisa” muito diferente, onde não encontramos nem emoção nem coração, mas apenas normas e directrizes descarnadas.

Por isso, Valignano pedia ao Pe. Fróis apenas um volume, ou seja, um pequeno manual, seco e frio, sobre as missões do Japão, contrariamente à sensibilidade do missionário português, que desejava transmitir uma informação mais completa, não só dos factos, mas ainda dos momentos mais tocantes do dia a dia das missões.

Não obstante, observemos o resto da carta de Macau que estávamos a citar.

Com efeito, Fróis apresenta ao geral as suas razões, contrárias às do visitador, afirmando que ele (Fróis) só concebe

*“huna Historia como la de Japón, en que de necesidad se an de apuntar por orden en las más de las cosas esenciales, que se hallan recitadas en las cartas que de acá se an inbiado y andan en Europa estampadas.”*⁴⁷

Eis, portanto, o método e os objectivos de Luís Fróis: fazer uma história sobretudo cronológica, com base nas cartas que registavam o dia a dia das missões, e cujas ideias já circulavam na Europa. Por conseguinte, a sua *Historia* seria um vasto compêndio das “*cosas principales*” de “*tan larga materia*”. E, por isso, não via como é que os factos relativos a tão vasta “matéria” pudessem caber, como desejava o visitador, em um “*tan coartado compendio*”.⁴⁸

No prosseguimento, o jesuíta português é ainda mais claro sobre as várias circunstâncias que corroboram o seu ponto de vista. Em primeiro lugar, deseja que se envie ao geral da Companhia a *Historia de Japam* “ansi como estaa”; depois, julga que lhe

poderia retirar algumas coisas, mas encontra nisso dois inconvenientes, a saber: antes de mais, a sua *Historia* está redigida em português (“*de cuia nación yo soi*”, sublinhando o seu portuguesismo); e, depois, havia o facto de ter sido escrita unicamente pelo seu próprio punho, como ele confessa: “*nunca tuve mano ajena de quien me pudiesse ayudar*”; por último, Fróis indica que escreveu a *Historia de Japam* numa altura em que “*no tenía tantas enfermedades*”. Assim sendo, nesta altura em Macau, Fróis não encontra pelo muito trabalho, idade avançada e indisposições contínuas, qualquer forma para a retomar e, desta feita, para fazer duas cópias, uma para ser enviada para a Europa e outra para ficar na sua posse, não se desse o caso de perder-se a primeira pelo caminho. Remata dizendo que só ele (Fróis) a teria de escrever “*por la falta que tenemos de scrivanes*”.⁴⁹

Nesta expressiva carta de Macau, Luís Fróis dá-nos ainda diversos pormenores que comprovam aquilo que pretendemos inculcar, ou seja, a dependência total do missionário das directrizes inquestionáveis do visitador. Fróis aponta no termo da carta que havia já quatro anos que a sua *Historia* estava parada, ou seja, desde 1589 (estávamos agora em 1593). Por outro lado, confessa que gostaria muito que o geral tivesse conhecimento, antes do termo da sua vida (pois sentia-se no ocaso), da situação em que se encontrava a *Historia de Japam*, sobre a qual o encarregado havia dez anos.⁵⁰

A carta conclui, verdadeiramente num tom amargo, diríamos mesmo desesperado, contra as imposições do visitador. Com efeito, Luís Fróis escreve no termo da carta:

*“Algunos Padres nuestros doctos y que tienen buena inteligencia de las cosas de Japón la an visto y me an afirmado en grande manera se avía V. P. de alegrar si le fuere ter a las manos.”*⁵¹

E acrescenta de seguida, esgotando todos os recursos:

*“Resta que V. P. ordene de allá al Pe. Visitador o al Pe. Viceprovincial de Japón lo que más in Domino le pareciere, porque yo aparejado estoy, si aun biviere quando bolver la respuesta de V. P., para en todo y por todo humildemente me subjectar a lo que V. P. o qualquiere otro superior inferior me ordenar sin en esso hazer ninguna instantia.”*⁵²

Por consequência, julgamos que esta conclusão é bastante clara e elucidativa, sem precisar de comentários especiais.

HISTORIOGRAFIA

OS PORTUGUESES E ALESSANDRO VALIGNANO

Sem embargo, e a fim de projectarmos mais luz sobre a figura humilde e subjugada do Pe. Luís Fróis e a sua “História”, olvidada durante mais de 300 anos,⁵³ aprez-nos perguntar, aqui e agora: mas, quem era, afinal de contas, e o que é que pensavam os portugueses acerca do visitador, Alessandro Valignano?

O visitador surge-nos, antes de mais, em Portugal, na véspera de Natal de 1573, à testa de uma expedição de 41 missionários, na maior parte espanhóis, com destino ao Oriente.⁵⁴

Sacerdote juridicamente bem preparado (era, como já vimos, formado *in utroque Iure*), Valignano revelou-se, por vezes, desumano e até incipiente.

Creio que não nos afastamos muito da verdade – e friso isto para projectar maior luz sobre a figura radiante do Pe. Luís Fróis, – dizendo que o Pe. Valignano nos aparece, logo em Lisboa, nessa quadra do Natal de 73-74, como alguém excessivamente autoconvencido, que não reprimia a vaidade e desprezava inferiores e superiores.

Para vermos bem isto, bastará dar a palavra ao Pe. Francisco Rodrigues que, no segundo volume da *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, publicado há cinquenta e oito anos, viu assim a figura de Alessandro Valignano:

“O Provincial [de Portugal] Jorge Serrão, bem que lhe reconhecia virtude, prudência e talento ‘para ajudar muito aquela Província da Índia’, censurava-lhe a condição colérica e altiva, com manifestações de estimação própria, demasiada liberdade, pouco respeito pelos outros, ainda dos mais antigos, tenacidade de juízo e certa jactância no dizer muitas vezes que ia fundar a Índia e remediá-la.”⁵⁵

E quanto às impressões de outro notável jesuíta, Gonçalves da Câmara, mestre do rei D. Sebastião, escreve Francisco Rodrigues:

“Luís Gonçalves da Câmara parecia notar-lhe alguma astúcia misturada com a prudência, e ver que o cargo de Visitador ‘o levantava um pouco acima do solo’. De mortificação, humildade e desejo de padecer não descobria nêles mostras notáveis.”

Assim ajuizavam, conclui Francisco Rodrigues, do que foi, sem dúvida nenhuma, o maior promotor e organizador das missões do Oriente.⁵⁶

Deixamos, portanto, aqui registadas as impressões do Pe. Rodrigues acerca do que pensavam os portugueses sobre Alessandro Valignano. Contudo, podemos ler essas mesmas impressões tiradas dos textos originais, agora publicados no volume IX da colectânea *Documenta Indica*, pelo Pe. Josef Wicki.⁵⁷

Há um provérbio português que diz: “dos fracos não reza a história”. Todavia, penso que não castigaremos demasiadamente Valignano se acrescentarmos ainda que, pelo feitio notoriamente autoconvencido, ele fez sofrer ou alarmar muitos dos seus confrades, sobretudo da Índia, v. g., Francisco Cabral, Francisco de Monclaro e Francisco Vieira. Nomeadamente estes, que não deixaram de enviar para Roma diversos relatórios sobre o visitador Valignano,⁵⁸ com impressões que mancham hoje algumas das páginas da gesta missionária no Oriente e acerca das quais o visitador teve, por vezes, necessidade de se penitenciar perante o geral da Sociedade de Jesus, por ter sido demasiado “áspero e pesado” (ele o confessa!) para os seus confrades.⁵⁹ E, para com o nosso Luís Fróis, que mais nos importa aqui salientar, Valignano chegou a formular juízos apressados e injustos, como poderemos verificar nos documentos que encerram o primeiro volume da edição da *Historia de Japam* organizada pelo Pe. Wicki. Por exemplo, na carta para o geral Mercuriano, Alessandro Valignano, seis meses após a primeira chegada ao Japão, censura o Pe. Fróis da seguinte maneira:

“nè tiene l’animo necessario per rompere per li travagli et pericoli che qui corono, nè per opporsi et farsi temere et obedire dalli nostri quando et como conviene”.⁶⁰

Perante tal testemunho, feito por quem estava no Japão apenas há 6 meses, sobre quem lá vivia há já dezasseis anos, não nos é difícil opinar acerca da leviandade do visitador e, depois, sobre o modo como Valignano concebia um “superior maior”. Este ponto também é relevado por Josef Wicki.⁶¹

Enfim: mais considerações sobre outros juízos apressados do visitador acerca do Pe. Fróis poderíamos ainda aduzir, mas chega aquilo que acabamos de frisar para vermos quanto não terá sofrido Luís Fróis com a excessiva autoridade (ou falta de caridade) da parte do visitador das missões da Índia. Daí, “o grito abafado” que notamos nessa carta escrita pelo jesuíta português em Macau, em 12 de Novembro de 1593. Em suma: dois homens e dois estilos.

HISTORIOGRAPHY

A ÚLTIMA CARTA (DE MACAU) DO PE. FRÓIS

A última carta conhecida do Pe. Fróis escrita em Macau tem a data de 3 de Janeiro de 1594, continuando inédita nos arquivos da casa mãe da Companhia de Jesus.⁶² Temos uma cópia em nosso poder, e dela destacaremos três aspectos essenciais: o primeiro diz respeito ao trabalho epistolar cometido ao Pe. Fróis pelo visitador quando este, na Casa da Madre de Deus, em Macau, pela noite fora passeava no escritório de um lado para o outro, ditando para o jesuíta português, as inúmeras cartas que o visitador tinha para pôr em dia. Luís Fróis afirma que Valignano chegava a desmaiar, pelo volume de trabalho e pela falta de repouso.⁶³

O segundo aspecto desta carta de Fróis prende-se com o bispo D. Pedro Martins, o qual nesta altura estacionava em Macau à espera do momento mais propício para embarcar para o Japão, o que veio a acontecer em 1596. Fróis constata e lamenta que o bispo Martins viva em Macau os seus dias muito alheado dos problemas que viria a encontrar (como de facto encontrou) no País do Sol Nascente. Se o bispo Martins se tivesse interessado, na verdade, pelos problemas referentes às missões do Japão, como não estaria ele, decerto, mais bem preparado para mitigar, escassos meses após a chegada, no Outono de 96, o desgraçado processo que levou ao martírio, os cristãos em Nagasáqui, em 5 de Fevereiro de 1597. Ainda hoje alguns críticos (como Álvarez-Taladriz) têm dúvidas sobre o grau de inocência do bispo Martins, por falta de uma actuação mais eficaz.⁶⁴

Vamos, porém, à parte principal da última carta (pessoal), escrita pelo Pe. Fróis em Macau.

Este ponto já foi posto em relevo tanto por José Schütte, como pelo autor destas linhas, na *Revista Macau*, de Novembro de 1994.⁶⁵ Tal facto diz respeito à construção do Colégio de São Paulo, em Macau, para os estudantes japoneses.

Com efeito, após a terceira Consulta Geral dos missionários reunidos em Nagasáqui, em 1592, ficou decidida a criação de um colégio para estudantes jesuítas japoneses, fora do País do Sol Nascente.⁶⁶ É que não só as perturbações das guerras civis no Japão em nada beneficiavam a paz do estudo, como, por outro lado, ponderava-se que os jovens japoneses muito teriam a ganhar, estudando num ambiente cristão de tipo ocidental, como era, apesar de tudo, o ambiente de Macau. Aqui os estudantes aprenderiam não somente

a língua e a história, mas também a maneira de ser dos europeus. Daí a insistência do visitador – apesar da discordância do provincial da Índia, Francisco Cabral –, pela construção do Colégio Universitário de S. Paulo, em Macau, no meio de um monte, com uma “excelentíssima vista”.⁶⁷

Luís Fróis, na sua carta, dá-nos conta designadamente do entusiasmo de Valignano e do andamento das obras. É mais um documento histórico feito por uma testemunha invulgar. Vejamos esse passo da carta do missionário português:

“Quanto a la fabrica del collegio para en el se criarem los hermanos Japones como tambien el Pe. Visitador escribe a V. P. no fue sin grande consideration lo que en Japón en la congregation que se hizo se ha tratado desta materia por que ventilada con mucha ponderation se no halló remedio mas eficaz que esto para reduzir los hermanos Japones al intento que la Comp^a. dellos pretende que es sacarlos de su R.no, custumbres y conversaciones para se mejor domesticaren y unirem con los nuestros de Eoropa, y son tantas las utilidades que deste adventum se pueden seguir asi para la solida direction de los hermanos Japones en las vertudes y letras y para el bien universal da la christandad y aun tambien desta mission de la China”.⁶⁸

Acerca do entusiasmo posto neste projecto pelo Pe. Valignano e sobre o trabalho nele dispendido, vejamos ainda, da mesma carta, estas palavras de Luís Fróis:

*“Es increíble quán de veras ha tomado [el P. Alexandro Valignano] el assumpto desta fábrica, y todos los Nuestros y los Flaires de las otras Relegiones y personas siculares que la miran no se acaban de admirar y dizir que ninguna otra persona que no fuera el Pe. Visitador, cometéra cosa tan ardua y dificultosa por la aspereza del sitio y la gran muchidunbre de piedras mui grandes que a fuerça de braço se an quebrado para aplanar la superficie del lugar, y con esta solícita y mui vehemente eficacia tiene ya por la gratia del Señor quasi a mitad de la obra echa.”*⁶⁹

CONCLUSÃO

Verificámos que o Pe. Luís Fróis estacionou duas vezes em Macau: na primeira, à espera da monção para o Japão, colaborando activamente nos serviços religiosos da cidade, como deram conta os padres

HISTORIOGRAFIA

Monte e Gonçalves; na segunda vez, após 30 anos, como secretário efectivo para as “*infinitas cosas que escribir*” trazia do Japão o Pe. Valignano. E conhecemos, de facto, muitas páginas compactas escritas em Macau pela mão, já trémula, do abnegado missionário, principalmente referentes aos múltiplos problemas que rodearam a construção do Colégio de São Paulo, para além das quatro cartas particulares atrás referidas.

Como quer que seja, antes de rematar, agradeço ainda um breve momento para destacar dois aspectos que julgo pertinentes, e que me fizeram reflectir muito, enquanto preparava este trabalho. O primeiro diz respeito à qualidade da vocação do missionário Luís Fróis, durante a primeira estadia em Macau, tudo fazendo, através da pregação e do exemplo, para orientar a conduta dos mercadores portugueses. Sobre este aspecto até lembraria as reflexões do antigo cônsul de Portugal em Hong Kong, Eduardo Brazão, acerca do “espírito da Igreja” por saber “fundir em monumento de glória” os “bons e os maus instintos” dos homens;⁷⁰ neste caso, dos mercadores e mareantes portugueses. Por outra parte, o cônsul Brazão não deixou de sublinhar no seu livro *Macau. Cidade do Nome de Deus. Não Há Outra Mais Leal*, que somente em 1622 terá sido assegurada aos portugueses a cedência de Macau, por parte das autoridades chinesas.⁷¹ Desta forma, durante mais de cinquenta anos, muito tiveram de fazer os missionários para orientar a população portuguesa, pois, como escreve Brazão, “eram rudes os tempos, as tentações enormes; a distância e os perigos da longa viagem diminuía, até quase apagar, o ideal sincero que existia na partida”.⁷²

Daí, portanto, o trabalho abnegado e constante, entregue sobretudo a missionários de carisma, como nos parece ser a pessoa do Pe. Luís Fróis.

Por outra banda, verificamos ainda, aquando da segunda estadia do jesuíta português em Macau, já no declinar da vida, que ele viera do Japão com imenso sacrifício da sua débil saúde. De facto, Luís Fróis só foi convocado pelo visitador, dois ou três dias antes do embarque para Macau.⁷³

Ora, tudo isto nos indica o grau de generosidade de que sempre deu provas este missionário português, constantemente activo e zeloso e de uma dedicação sem limites.

Se quiséssemos, porventura, ver um exemplo de grande perseverança, poderíamos recordar aquele caso relatado pelo mesmo Fróis na *Historia de Japam*, quando, doente, desembarcou em Yokoseura, logo em 6 de Julho de 1563, e sobre cujo estado de saúde, sempre preocupante, ele deixou assim escrito:

“Quizera [Cosme de Torres] tornar a mandar o Pe. Luiz Frois, por estar doente e desamparado, para a China, e que convalecendo em Macao tornaria para Japão o anno seguinte; todavia lhe fez instancia que, por onde o mesmo Pe. Cosme de Torres passasse passaria elle que era mancebo: e assim se rezolveo o bom velho, por não haver outro remédio, mandar o Pe. Luiz Frois com o irmão João Fernandes que estivessem por entretanto em huma ilha por nome Tacuxima [...] athé se abrir alguma porta ou missão aonde os podesse enviar.”⁷⁴

Razão sobeja tivera, por consequência, o Pe. António Franco para dedicar algumas dezenas de páginas à excelsa figura de Luís Fróis, na “Imagem da Virtude de Lisboa”, e depois chamar-lhe no *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, “venerável P. Luís Fróis [...] varão excelente no proceder e no escrever”.⁷⁵ **RC**

NOTAS

- 1 Luís Fróis, *Historia de Japam*, edição de José Wicki, S. J., 5 volumes, Lisboa, 1978-1984. Cf. Vol. I, pp. 404 e ss.
- 2 António Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa na qual se Contem a Fundaçam da Caza & os Religiosos da Virtude que em Lisboa forão Noviços*, Lisboa, 1717, pp. 201-254.
- 3 *Documenta Indica*, edição de José Wicki, S. J., Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, Roma, 1954, Vol. III, p. 320.
- 4 *Ibidem*, p. 363.
- 5 *Ibidem*, p. 312.
- 6 Cf. Luís Fróis, *Historia de Japam*, p. 6*.
- 7 *Documentos del Japón*, edição de J. Ruiz-de-Medina, S. J., Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1995, p. 139.
- 8 *Ibidem*, p. 207.
- 9 *Ibidem*, p. 300.
- 10 *Ibidem*, p. 322.
- 11 *Ibidem*, pp. 627-628.
- 12 Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Vol. II das “Cartas do Japão”, 13, ff. 387v-388v.
- 13 *Documentos del Japón*, pp. 631 e ss.
- 14 Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Vol. II das “Cartas do Japão”, 13, ff. 387v-388v.
- 15 *Ibidem*.
- 16 *Ibidem*.
- 17 *Ibidem*.
- 18 Cf. António Baptista, “Os Jesuítas em Macau e o legado cultural de S. Paulo”, *Revista Macau*, II série, n.º 31, 1994, p. 20.
- 19 Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Vol. II das “Cartas do Japão”, 13, ff. 387v-388v.
- 20 *Ibidem*.
- 21 *Ibidem*.
- 22 *Ibidem*.
- 23 *Ibidem*.
- 24 Sebastião Gonçalves, *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus*, edição de José Wicki, S. J., Coimbra, Atlântida Editora, 1957, Vol. I, pp. v e x.
- 25 *Ibidem*, Vol. III, p. 144.
- 26 *Ibidem*.
- 27 *Ibidem*, p. 145.
- 28 Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1978, p. 651.
- 29 Sobre Gregório Gonçalves, ver António Baptista, “Dos planos de Xavier às obras de Gregório González”, *Revista Macau*, II série, n.º 24, 1994, pp. 78-83; e idem, “A fundação de Macau e os Espanhóis nas Filipinas”, *Revista Macau*, II série, n.º 62, 1997, pp. 50-55.
- 30 Sebastião Gonçalves, *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus*, Vol. III, p. 145.
- 31 *Ibidem*, p. 146.
- 32 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. I, p. 326.
- 33 Cf. Primeira Parte, ff. 159 e ss.
- 34 Luís Fróis, *Historia de Japam*, pp. 10* e 26*.
- 35 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. I, pp. 458 e 459.
- 36 *Ibidem*, pp. 406-409.
- 37 Cf. Edward J. Malatesta, S. J., “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606), estrategia da missão jesuítica na China”, *Revista de Cultura* (Macau), II série n.º 21, Outubro-Dezembro de 1994, pp. 64, n. 1.
- 38 Carta de Macau, 18-1-1593, in Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. I, p. 405.
- 39 *Ibidem*, Vol. I, p. 407.
- 40 *Ibidem*, pp. 399 e 405.
- 41 *Ibidem*, p. 407.
- 42 *Ibidem*.
- 43 *Ibidem*, p. 408.
- 44 *Ibidem*.
- 45 *Ibidem*.
- 46 O verbo “consolar” é muito frequente também nas cartas de outros padres.
- 47 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. I, p. 408.
- 48 *Ibidem*.
- 49 *Ibidem*.
- 50 *Ibidem*.
- 51 *Ibidem*, pp. 408-409.
- 52 *Ibidem*, p. 409.
- 53 De facto, a *Historia de Japam* somente foi publicada no século XX. Cf. António Baptista, “A obra invulgar de Luís Fróis”, *Revista Macau*, II série, n.º 67, 1997, pp. 176-188.
- 54 *Documenta Indica*, Vol. IX, 1966, pp. 15*-32*.
- 55 Francisco Rodrigues, S. J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, Liv. Apostolado da Imprensa, 1931, Tomo II, Vol. II, pp. 456-457.
- 56 *Ibidem*, p. 457.
- 57 *Documenta Indica*, Vol. IX, docs. 17, 31, 32.
- 58 *Documenta Indica*, Vol. XVI, 1984, docs. 40, 61, 83; Vol. XVII, 1988, doc. 77.
- 59 *Documenta Indica*, Vol. XIV, 1979, doc. 107.
- 60 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. I, p. 398.
- 61 Fróis escreve textualmente, na carta de 3 de Janeiro: “*Los dias passados le dió un açidente de verigine en la cabeça q(ue) lo trato mui mal y ya le dio dos vezes. Y un poquito q(ue) dite luego siente el desfalecime(n)to de la cabeça*”.
- 62 J. L. Álvarez-Taladriz, “Primera Información Auténtica de los 26 Santos de Japón”, *Ósaka Gaikokugo Gakuhó*, n.º 17, 1967, pp. 36-37.
- 63 Cf. António Baptista, “Os Jesuítas em Macau e o legado cultural de S. Paulo”, *Revista Macau*, II série, n.º 31, 1994, p. 19.
- 64 *Ibidem*, p. 15.
- 65 Cf. António Baptista, “Os Jesuítas em Macau e o legado cultural de S. Paulo”, *Revista Macau*, II série, n.º 31, 1994, pp. 16-17.
- 66 Jap. Sin. 12, I, 148-149 (autógrafo espanhol inédito).
- 67 *Ibidem*.
- 68 Eduardo Brazão, *Macau. Cidade do Nome de Deus na China. Não há Outra Mais Leal*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.
- 69 *Ibidem*, p.
- 70 *Ibidem*, p.
- 71 Cf. Jap. Sin. 12, I, 96-97: “*dos o 3 dias antes de su partida me lo hizo saber*”. Carta de Luís Fróis, Macau, 18-1-1593 (autógrafo espanhol inédito).
- 72 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. I, p. 340.
- 73 António Franco, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, s.l., s.n., 1931, p. 363.